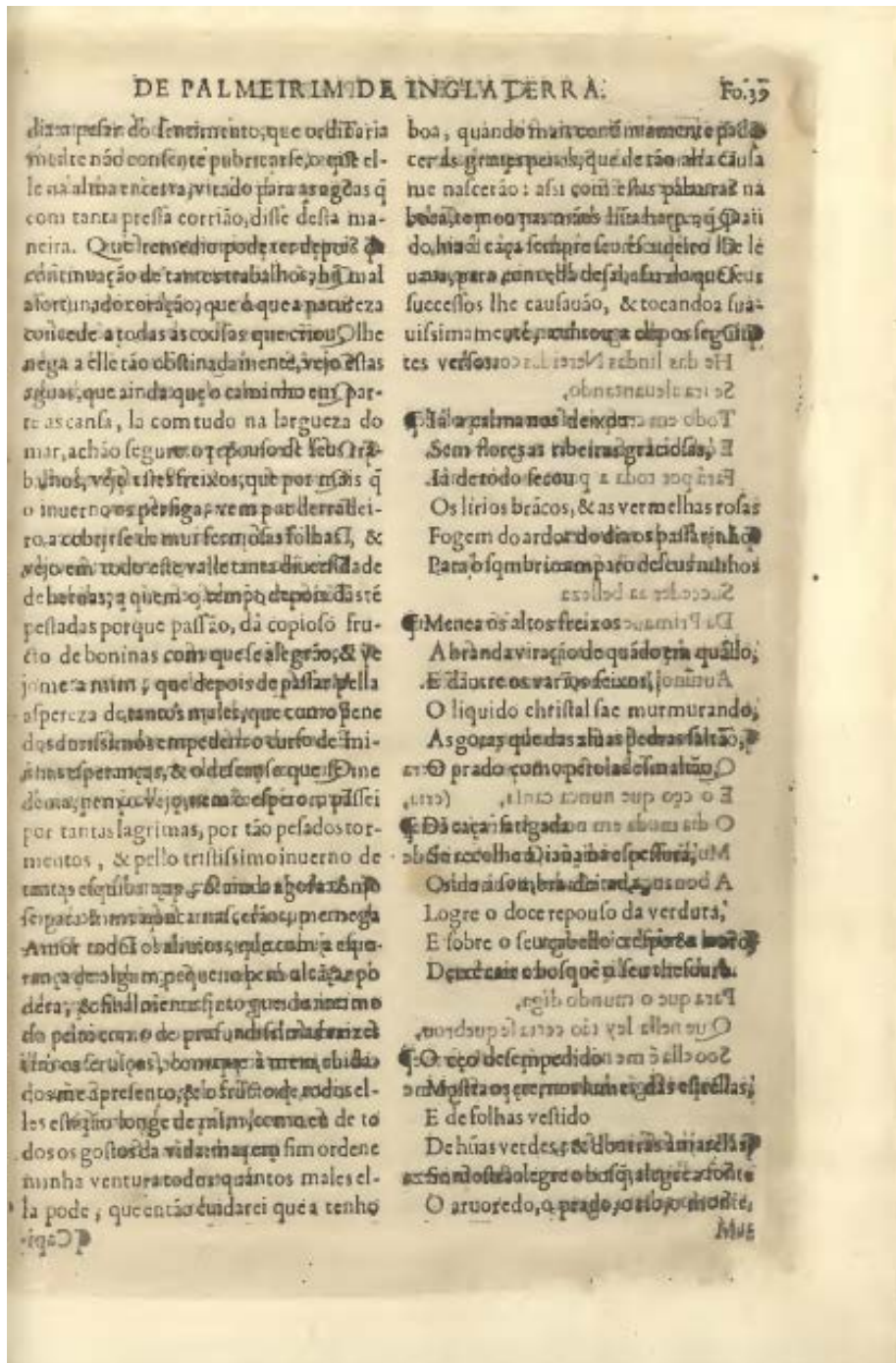




Palmeirim IV (1587)- Poema

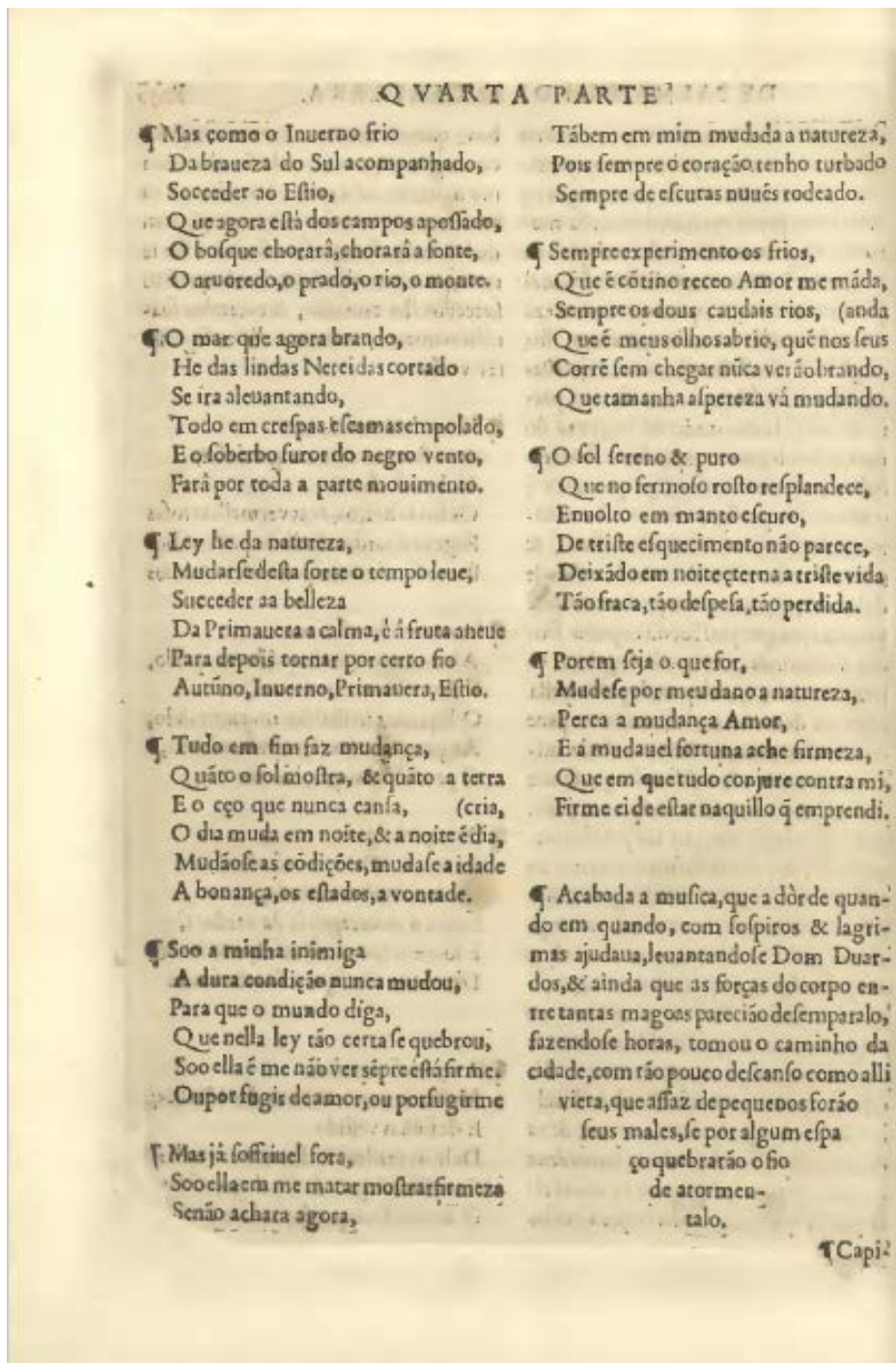
Fac-símile
[39r-39v]





UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO



Edição paleográfica

[39r-39v] ¶ Iá a calma nos deixou/ Sem flores as ribeiras graciosas,/ Iá de todo secou/ Os lírios brâcos, & as vermelhas rosas/ Fogem do ardor do dia os passarinhos/ Para o sombrio amparo de seus ninhos/ ¶ Menea os altos freixos/ A branda viração de quãdo em quãdo,/ E dantre os varios seixos,/ O liquido christal sae murmurando,/ As gotas que das aluas



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

pedras saltão,/ O prado como perolas esmaltão./ ¶ Da caça fatigada/ Se recolhe Diana na
espessura,/ Onde â sombra deitada,/ Logre o doce repouso da verdura,/ E sobre o seu
cabello crespo & louro,/ Deixe cair o bosque o seu thesouro./ ¶ O ceo desempedido/
Mostra os eternos lumes das estrellas,/ E de folhas vestido/ De hũas verdes, & doutras
amarelas/ Se mostra alegre o bosq, alegre a fonte/ O aruoredo, o prado, o rio, o monte./ ¶
Mas como o Inuerno frio/ Da braueza do Sul acompanhado,/ Socceder ao Estio,/ Que
agora está dos campos apossado,/ O bosque chorará, chorará a fonte,/ O aruoredo, o prado,
o rio, o monte./ ¶ O mar que agora brando,/ He das lindas Nereidas cortado/ Se ira
aleuantando,/ Todo em crespas escamas empolado,/ E o soberbo furor do negro vento,
Farâ por toda a parte mouimento./ ¶ Ley he da natureza,/ Mudarse desta sorte o tempo
leue,/ Succeder aa belleza/ Da Primauera a calma, é â fruta a neué/ Para depois tornar por
certo fio/ Autũno, Inuerno, Primauera, Estio./ ¶ Tudo em fim faz mudança,/ Quãto o sol
mostra, & quãto a terra/ E o çeo que nunca cansa, (cria,/ O dia muda em noite, & a noite
ê dia,/ Mudãose as cõdições, mudase a idade/ A bonança, os estados, a vontade./ ¶ Soo a
minha inimiga/ A dura condição nunca mudou,/ Para que o mundo diga,/ Que nella ley tão
certa se quebrou,/ Soo ella ê me não ver sêpre está firme./ Ou por fugir de amor, ou por
fugirme/ ¶ Mas já soffriuel fora,/ Soo ella em me matar mostrar firmeza/ Senão achara
agora,/ Tãobem em mim mudada a natureza,/ Pois sempre o coração tenho turbado/
Sempre de escuras nuuês rodeado./ ¶ Sempre experimento os frios,/ Que ê cõtino receo
Amor me mãda,/ Sempre os dous caudais rios, (anda/ Que ê meus olhos abrio, quẽ nos
seus/ corrẽ sem chegar nũca verão brando,/ que tamanha aspereza vâ mudando./ ¶ O sol
sereno & puro/ Que no fermoso rosto resplandece,/ Enuolto em manto escuro,/ De triste
esquecimento não parece,/ Deixãdo em noite eterna a triste vida,/ Tãõ fraca, tãõ despesa,
tãõ perdida./ ¶ Porem seja o que for,/ Mudese por meu dano a natureza,/ Perca a mudança
Amor,/ E a mudael fortuna ache firmeza,/ Que em que tudo conjure contra mi,/ Firme ei
de estar naquillo q emprendi.

Edição crítica

[39r-39v] Já a calma nos deixou
sem flores as ribeiras graciosas,
já de todo secou
os lírios brancos e as vermelhas rosas
fogem do ardor do dia os passarinhos
para o sombrio amparo de seus ninhos.

Menea os altos freixos
a branda viração de quando em quando,
e dantre os vários seixos,
o líquido cristal sae murmurando,
as gotas que das alvas pedras saltam
o prado como pérolas esmaltam.

Da caça fatigada
se recolhe Diana na espessura,
onde à sombra deitada,



UNIVERSO DE ALMOROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

logre o doce repouso da verdura,
e sobre o seu cabelo crespo e louro
deixe cair o bosque o seu tesouro.

O céu desempedido
mostra os eternos lumes das estrelas
e de folhas vestido
de ãas verdes e doutras amarelas
se mostra alegre o bosque, alegre a fonte,
o arvoredo, o prado, o rio, o monte.

Mas como o inverno frio
da braveza do Sul acompanhado,
soceder ao estio,
que agora está dos campos apossado,
o bosque chorará, chorará a fonte,
o arvoredo, o prado, o rio, o monte.

O mar, que agora brando
é das lindas Nereidas cortado,
se irá alevantando
todo em crespas escamas empolado,
e o soberbo furor do negro vento
fará por toda a parte movimento.

Lei é da natureza
mudar-se desta sorte o tempo leve,
suceder à beleza
da primavera a calma, e à fruta a neve
para depois tornar por certo fio
autuno, inuerno, primauera, estio.

Tudo enfim faz mudança
quanto o sol mostra e quanto a terra
e o céu, que nunca cansa, cria;
o dia muda em noite e a noite em dia;
mudam-se as condições, muda-se a idade,
a bonança, os estados, a vontade.

Só a minha inimiga
a dura condição nunca mudou,
para que o mundo diga
que nela lei tão certa se quebrou;
só ela em me não ver sempre está firme,
ou por fugir de amor ou por fugir-me

Mas já sofrível fora,



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

só ela em me matar mostrar firmeza
se não achara agora
também em mim mudada a natureza,
pois sempre o coração tenho turbado,
sempre de escuras nuvens rodeado.

Sempre experimento os frios
que em contínuo receo Amor me manda;
sempre os dous caudais rios anda
que em meus olhos abriu, quem nos seus
correm sem chegar nunca verão brando,
que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro
que no fermoso rosto resplandece,
envolto em manto escuro,
de triste esquecimento não parece,
deixando em noite eterna a triste vida,
tão fraca, tão despesa, tão perdida.

Porém seja o que for,
mude-se por meu dano a natureza,
perca a mudança Amor
e a mudável Fortuna ache firmeza,
que em que tudo conjure contra mi,
firme hei de estar naquilo que emprendi.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “*Palmeirim de Inglaterra III-IV (1587): composições poéticas*”, em *O Universo de Almoúrol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.